

Encanterias: saberes dissidentes no ensino/ aprendizagem de artes visuais

Encanterias: dissident knowledges in the
teaching/learning of visual arts

Encanterias: saberes disidentes en la
enseñanza/aprendizaje de las artes
visuales

Napoleão dos Santos Guedes Junior ²

Fábio Wosniak ³

1 Este trabalho é parte das investigações realizadas sobre Arte/Educação Dissidente no Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - na linha de pesquisa Experiências dissidentes nas Artes Visuais e na Arte/Educação - UNIFAP/CNPq, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Wosniak.

2 Napoleão dos Santos Guedes Junior é Artista Visual e Acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais lattes: <http://lattes.cnpq.br/6096568374438359> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2508-1014> email: libree.napoleao@gmail.com

3 Fábio Wosniak é Doutor e Mestre em Artes Visuais (UDESC), Vice coordenador do Curso de Licenciatura em Artes Visuais/UNIFAP. Líder do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais – CNPq/UNIFAP e coordenador do Projeto de Extensão Apotheke em Dissidência. lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057> orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7414> email: fwosniak@gmail.com

RESUMO

O presente artigo consiste nas investigações que vem sendo realizadas no Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. A pesquisa está centrada na linguagem da performance, investigando como esta prática artística ressoa questionamentos acerca da descolonização dos corpos e conhecimentos produzidos na Região Amazônica. No primeiro momento da pesquisa foi criado um minicurso para estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da própria instituição, cujo a metodologia utilizada é a cartografia. Inicialmente foi possível vislumbrar que existe um grande interesse por parte dos estudantes em empreender investigações acerca de seus conhecimentos ancestrais, como também, se mostrou emergente a uma arte educação dissidente.

PALAVRAS-CHAVE

Experiências Dissidentes; Ensino/Aprendizagem Em Artes Visuais; Performance.

ABSTRACT

This article consists of the investigations that have been carried out in the Completion Work of the Degree Course in Visual Arts at the Federal University of Amapá. The research is focused on the language of performance, investigating how this artistic practice resonates with questions about the decolonization of bodies and knowledge produced in the Amazon region. In the first moment of the research was created a mini-course for students of the Degree in Visual Arts at the institution itself, whose methodology is cartography. Initially, it was possible to glimpse that there is a great interest on the part of students in undertaking investigations about their ancestral knowledge, as well as, proved to be emerging to a dissident art education.

KEY-WORDS

Dissident Experiences; Teaching/Learning in Visual Arts; Performance.

RESUMEN

Este artículo consta de las investigaciones que se han realizado en el Trabajo de Conclusión del curso de Licenciatura en Artes Visuales de la Universidad Federal de Amapá. La investigación se centra en el lenguaje de la performance, investigando cómo esta práctica artística resuena cuestionamientos sobre la descolonización de los cuerpos y saberes producidos en la región amazónica. En el primer momento de la investigación se creó un curso corto para estudiantes de la Licenciatura en Artes Visuales de la institución, cuya metodología es la cartografía. Inicialmente se pudo vislumbrar que existe un gran interés por parte de los estudiantes en emprender investigaciones sobre sus saberes ancestrales, así como también, ha surgido una educación artística disidente.

PALABRAS-CLAVE

Experiencias Disidentes; Enseñanza/Aprendizaje de las Artes Visuales; Performance.

Encanterias

(...)
 Eu desci da lua cheia
 Pelo raio que alumia
 Eu cheguei na sua aldeia
 Pra fazer encanteria
 Eu vim ver minha maninha
 Dona do fundo do mar
 Ela canta de noitinha
 De manhã dorme a cantar
 Moço, apague essa candeia
 Deixa tudo aqui no breu
 Quero nada que clareia
 Quem clareia aqui sou eu
 (...)

Paulo Cesar Francisco Pinheiro

Os caminhos que apresentamos neste escrito ressoam das experiências vivenciadas em dois momentos da realização desta pesquisa: 1) do encontro entre discente e docente – que gerou desejos em investigar na perspectiva de colonial, o tema que virá a ser desenvolvido. 2) refere-se ao Arquipélago do Bailique⁴ no ano de 2019, durante a residência artística Tecnobarca⁵. Este direcionamento se dá a partir das investigações que Napoleão dos Santos Guedes Junior (Estudante da Licenciatura em Artes Visuais) vem realizando na construção do seu projeto de conclusão e nas participações como pesquisador no Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais (UNIFAP/CNPQ) e no Projeto de Extensão Apotheke em Dissidência (UNIFAP).

A partir destas experiências, o estudante vem aprofundado leituras sobre as inflexões descoloniais (RESTREPO, 2010) e pensado nestes conceitos aliados à sua prática artística e nas propostas que vem articulando junto aos estudantes de Licenciatura em Artes Visuais, como processualidade dos dados para o trabalho de conclusão de curso.

As referencialidades para este projeto são práticas artísticas de artistas xamãs, macumbeiras, drag queens, monstros e dissidentes sexuais e de gênero do sul global. Tem nos interessado – orientador e orientando - os rituais de iniciação, o encontro com a magia dos encantados, o som da floresta e dos rios, o cheiro do mato. Toda

encanteria que estes povos nos ensinam para viver em harmonia com toda forma de vida.

(Napoleão Santos Guedes Junior)

Natural de terras Tucujus, desde os primeiros anos de vida fui banhado e encantado pelo rio Amazonas e pelos residentes que habitam nas suas margens que popularmente chamamos de beiras, beiradas, beiradões, baixada ou outros termos por vezes pejorativos. Nas margens as casas são palafitas, as ruas são pontes e os habitantes vêm de muitas regiões da Amazônia. São povos dos rios que trabalham com a pesca, venda de peixes e camarões. Também são povos das matas que cultivam a medicina tradicional, o açai e conhecimentos sobre os mais diversos seres do ecossistema. Nas margens do Rio Amazonas também encontramos moradores vindos de outras regiões do Brasil. Desses encontros sobrevivem muitos saberes e memórias que hoje chamam a minha atenção enquanto estudante-artista de artes visuais.

O projeto da residência artística Tecnobarca propicia aos participantes uma imersão de doze dias a bordo de um barco ateliê pelo Rio Amazonas. Nestes dias são visitadas comunidades ribeirinhas, realizando algumas paradas para intervenções artísticas e educativas junto a essas populações. Participam neste projeto artistas e arte/educadores de todo Brasil. Com o objetivo de valorizar a vida, a arte e a cultura desta região do país, assim como também de apreender saberes outros.

Participando deste projeto, em julho de 2019, pude conhecer cerca de oito comunidades ribeirinhas pertencentes ao Arquipélago do Bailique, no litoral do Amapá. A imersão realizada nesta comunidade influenciou à minha maneira de pensar a arte e a educação.

Durante os doze dias pensei e articulei performances que havia criado para os moradores dessas comunidades. Naquele mesmo ano, já incursionava em algumas leituras e pesquisas sobre decolonialidades e artistas decolonias. O que motivaram a seguinte reflexão: Como compor/compartilhar práticas artísticas que pudessem ouvir os moradores ribeirinhos e com isso desenterrar saberes que acreditava estarem soterrados pela colonização/colonialidade em território amazônico?

Vivenciando a residência, pude perceber algumas fissuras, de onde o trabalho artístico começava a aparecer, sendo assim, dei início a uma ação artística em performance que intitulei: "ouvir histórias".

"Ouvir histórias" é uma performance que investiga e escuta sobre o cotidiano e o ancestral. A princípio, a atividade proposta nutria um desejo meu, que era o de aprender com aquelas pessoas a andar pelas pontes do Bailique e ver outras camadas daquela realidade que se apresenta frente às margens de um grande rio-mar no oriente da Amazônia-amapaense.

Foi esta uma prática artística em performance desenvolvida na comunidade do Carneiro e São Pedro (2019). Os materiais utilizados eram quatro potes de vidro com tampas amarelas e rolos de linha vermelha, que havia comprado antes de embarcar para a residência.

A ação consistia em sentar-se com os mais velhos das comunidades e conversar, ouvir suas histórias. Enquanto conversávamos, eram acionadas as memórias, reais ou fantásticas, enquanto isso as linhas eram sendo desenroladas e enchiam os potes. As histórias eram guardadas, preservadas. Como se o tempo fosse sendo tecido, a memória carregada de saberes ancestrais poderia ser acionada e tecida novamente, a fim de que novas experiências que harmonizam e preservam a vida pudessem ser liberadas.

Na comunidade do Carneiro, participou desta ação Dona Maria do Rosário, uma senhora idosa com alguns problemas de saúde, mas que naquele dia estava disposta a abrir as portas da sua casa para alguns artistas curiosos. Eu e mais outros artistas passamos algumas horas produzindo e conversando com aquela senhora que mesmo sofrendo com o Alzheimer nos contava das suas aventuras e sabedoria adquirida nos anos vividos na comunidade. Durante o encontro perguntava sobre temas relacionados às relações sociais, ambientais e cósmicas, por exemplo sobre mizuras, assombrações e seres invisíveis.

O Segundo momento da realização do "Ouvir histórias", foi no salão de festas da comunidade do São Pedro. Nesta oportunidade conversei com Dona Ana e seus parentes e vizinhos, que logo se juntaram entorno da performance.

A ação performática consistia, simplesmente em ouvir e provocar a memória das pessoas envolvidas sobre temas sociais, ambientais e cósmicos. Ouvia e desfiava a linha vermelha que era guardada em potes direcionado a um tema específico. Acionei este trabalho por duas vezes e em cada encontro novas histórias eram ouvidas pelos envolvidos no espaço, ou como prefiro chamar, na zona de criação, que aconteciam em um intervalo de três a quatro horas de trabalho.

Pensando atualmente sobre esta proposta de trabalho, vejo a possibilidade de articular arte-vida-educação em uma proposta artística e pedagógica interessada em acionar outras narrativas, outros saberes. Ouvir aquelas pessoas, possibilitou um fazer estético-artístico distanciado de saberes hierarquizantes ou carregados de certezas. O que era narrado naquelas histórias fazia parte de um conhecimento ancestral, onde a vida corria em harmonia com a natureza, os saberes provinham das matas, do curso do rio, dos ciclos das chuvas. As mizuras protegiam as pessoas dos perigos reais que as vezes a floresta apresenta, mas para quem sabe viver nela, é possível passar sem risco, pois existe um tempo que não é o do relógio, para as coisas acontecerem. Este saber provém de uma estrutura de conhecimento onde corpo e natureza são um mesmo organismo.



Imagem 1: Autor. Performance “Ouvir histórias”, 2019. Acervo do autor. Foto de Thales Lima.



Imagem 2: Autor. Performance “Ouvir histórias”, 2019. Acervo do autor. Foto de Thales Lima.

Tecendo as experiências – Encontros de pensamentos entre orientando e orientador

A performance “ouvir histórias” se desdobrou em outros trabalhos, que também partem das emergências encontradas no Bailique, como por exemplo, a intitulada “desterro” que aconteceu na Comunidade do Arraiol. Que nasceu de percepções a respeito das fronteiras. Naquela comunidade tudo era muito diferente do encontrado

nas outras que havia visitado. A religiosidade era intensa e o vermelho do Espírito Santo era a cor predominante. Outro ponto interessante nesta comunidade é a existência de uma fronteira entre as margens do rio, ocupada pelos moradores do Arraiol e, a mata que é ocupada por fazendeiros.

“Desterro” é uma performance que desenvolvi durante uma manhã de julho de 2019, nos fundos de uma escola às margens de um rio e próximo da fronteira que separava aquelas pessoas em Arraiol. Este trabalho foi realizado com apenas um material - mil metros de fio azul -, com o qual tracei uma linha azul no horizonte.

A ação durou pouco mais de 30 minutos e os professores assistiram de longe. O solo era uma espécie de lama com grandes pegadas de bois e com vários troncos carbonizados no chão. Ao fim da performance abrimos uma roda de conversa com os professores que estavam assistindo. Juntos podemos ver alguns bois rompendo os fios com seus chifres. A fronteira até então invisível se revelou aos olhos de todos.



Imagem 3 e 4: Autor. Performance “Desterro”, 2019. Acervo do autor. Foto de Thales Lima.

Estes trabalhos encontram correspondências nos estudos descoloniais por se interessarem em pensar práticas artísticas e docentes que contribuam com as vidas dos sujeitos esquecidos e extinguidos pelos processos coloniais. Investir na percepção de si e do mundo, através da Arte/Educação é uma atitude política que envolve a consciência de que outros saberes e outros conhecimentos existem. Nesta pesquisa sustentamos que estes saberes oriundos das matas e das pessoas que ali vivem, possuem uma potência epistemológica que nos convoca para uma noção de mundo e de fazer pesquisa que necessitam ser trabalhados. Esses conhecimentos

anunciam outros lugares a serem revisitados – entrelugar -, rompendo os dualismos: Arte x Vida, Arte x Educação, Sujeito x Natureza, Corpo x Mente...e, principalmente, Pesquisador x Objeto de pesquisa (FAVERO, 2020).

Entendemos estas práticas com a performances como uma forma de resistir ao incessante apagamento dos saberes ancestrais dos povos da Amazônia. A passagem de Napoleão pelo Arquipélago do Bailique, durante a Residência artística Tecnoarca, nos propiciou pensar acerca das desaprendizagens e aprendizagens, através das conversas que eram tecidas e guardadas nos potes, nas paradas em frente a uma ruína ou diante das árvores sagradas. Foram doze dias de derivas e navegações. Entre as conversas e o balanço do rio, durante as noites insones ou mal dormidas, o discente pôde apreciar a aprendizagem através dos sonhos, que muitas vezes apareciam em forma de assombrações ... o passado violento o aterrorizava, precisava relembrar o que seus antepassados haviam vivenciado com a colonização dos seus corpos e saberes.

Como afirma Krenak (2020, p. 52-53),

Sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que tem no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com outras pessoas.

Estava de fato, experienciando aprendizagens como meus ancestrais. Através de sonhos, de narrativas contadas pelos mais velhos, olhando o curso do rio, o balançar dos ventos nas árvores, o ruído dos animais. São estas as formas de aprender que são negligenciadas ou desconsideradas pelo sistema hegemônico. Onde só há interesse por aquilo que potencialmente é objetivado pelo mercado, ou pelo consumo.

Para finalizar esta etapa como residente, exponho ao público que visitava o interior do nosso barco-atelier-galeria, uma performance que sintetiza as experiências desses doze dias navegando. Evoco com esta última prática artística todos os silenciamentos, soterramentos e contrabandos de saberes dos povos amazônicos com esta “nota de subsolo”. A performance consistiu no meu corpo dissidente sustentado sobre as linhas, que serviram de metáfora para guardar memórias e desvelar a fronteira, no porão do barco, onde mercadorias podem ser escondidas e contrabandeadas. Tensiono as vozes dissidentes a se erguerem e denunciar os genocídios e a proclamarem suas existências e a pensarem outras práticas artístico-pedagógicas.



Imagem 5: Autor. Performance “Desterro”, 2019.

Acionando magias e saberes

Partindo das experiências das práticas artísticas realizadas no Arquipélago do Bailique e os encontros de orientação, elaboramos um minicurso intitulado “Encontro com Performance”. O chamamento para o minicurso aconteceu via redes sociais e contou com a presença de estudantes da Licenciatura em Artes Visuais. O objetivo foi o de investigar como as práticas artísticas dissidentes potencializam a docência e os saberes ancestrais. E como esses saberes se articulam com os conteúdos das Artes Visuais e possibilitam pensar sobre uma arte/educação dissidente.

Os encontros tiveram início no dia 01/09/2022 com a participação dos alunos do curso de licenciatura em artes visuais da Universidade Federal do Amapá. A programação do minicurso foi pensada com uma agenda de seis encontros semanais e no último encontro, no dia 29/09/22, realizamos um festival de performance. O local escolhido para os encontros foi o laboratório de ELVIS no DEPLA (Departamento de letras e artes), mas o processo se desdobrou em outros ambientes, como no Espaço de Experimentações em Artes Visuais Fatima Garcia, no corredor do DEPLA e nos espaços externos da Universidade.

Cada encontro, que aconteceram nas quintas-feiras das 9h às 12h da manhã, eram divididos em três momentos: o primeiro de apresentação da temática do dia, o segundo para os debates e trocas a respeito do tema apresentado e o terceiro momento para experimentação e criação de performances coletivas e individuais.

Todos os encontros foram ministrados pelo discente, sob a supervisão do orientador.

Sendo assim, o projeto ficou desenhado da seguinte forma:

1º ENCONTRO: O que é performance?

No primeiro encontro apresentei aos participantes a agenda do minicurso e como se daria a programação nos próximos dias. Com auxílio de material audiovisual apresentei performances de artistas como Hélio Oiticica, Marina Abramovic, Berna Reale e Eleonora Fabião. Com os vídeos, mediei as conversas para que pudéssemos compreender sobre as metodologias utilizadas pelos artistas para criarem suas práticas. Outro ponto que foi destacado era o de que a performance é uma linguagem artística onde o corpo é suporte.

Neste encontro provoquei os participantes com uma pergunta: “O que é performance?” A partir daí, passamos para o momento de criação artística com materiais do cotidiano, como por exemplo: capas de chuva, tecidos, luvas e objetos plásticos.

A primeira prática artística tinha por finalidade a criação livre de foto-performances utilizando os materiais que tinha encontrado em casa. Nesta prática todos os participantes criaram ações performáticas na galeria e ao redor do DEPLA. Cultivo neste encontro a autonomia dos participantes e os deixo à vontade com suas ideias de ações. O grupo era formado por muitos calouros e pessoas que não tinham tido conhecimento sobre a performance, mas nada impediu que brincassem com os objetos apresentados na ocasião.

2º ENCONTRO: Performance culturais

O segundo encontro contou com os mesmos participantes do primeiro dia. Como no encontro anterior, comecei por apresentar algumas performances culturais. Com o auxílio de material audiovisual, apresentei alguns rituais de povos indígenas e afro-brasileiros. O objetivo era conhecer a performance em outros contextos e por outras perspectivas e não apenas pelo viés artístico. Além disso, o encontro tinha mais um objetivo que era o de praticar coletivamente a performance em vias de festejar aquele encontro.

Passado o primeiro momento da apresentação, seguimos para o Espaço de Experimentações em Artes Visuais Fatima Garcia, onde conversamos sobre o material apresentado e sobre as possibilidades do corpo em movimento. Neste encontro entendemos a performance como um acontecimento. Assim, soltamos os corpos e compomos um encontro ritual. O objetivo era criar um vídeo-performance com o uso de parangolés, tecidos, instrumentos e outros elementos encontrados pelos alunos.

3º Encontro: Performance na História da Arte

O terceiro encontro teve por objetivo investigar sobre a performance no contexto da história da arte. Através do livro "A arte da performance" de Roselee Goldberg percorremos uma travessia, que partiu do início do século XX, com os primeiros acontecimentos artísticos que eram nomeados de teatro de variedades, com os futuristas até chegarmos na performance contemporânea com destaque para as produções no eixo Estados Unidos e Europa.

Neste encontro, apresentei ao coletivo alguns slides sobre os conceitos chaves na história da performance, conforme apresentado no livro de Goldberg. Traçamos um caminho conceitual, desde as primeiras ideias de pintor-performer e o teatro de variedade no futurismo, passando pelo Dadaísmo, o Surrealismo, a Bauhaus e sua teoria e prática interdisciplinar. Seguindo os capítulos do livro, foi possível ter um panorama mais geral do que aconteceu com a performance arte no correr dos anos de 30 aos anos 70, com a ideia de arte ao vivo que teve um circuito mais intenso nos Estados Unidos da América.

Ainda sobre as apresentações de slides, passamos por 1968 a 2000 com os artistas conceituais que naqueles anos dialogavam com as novas mídias e a cultura de massa.

O terceiro encontro foi muito mais focado nos conceitos e nas reverberações que causaram na performance arte durante a história da arte. Com isto, a prática desenvolvida com o coletivo partiu para o exercício de uma escrita poética-conceitual em via de produzir pequenos cartões que continham ações performáticas. Esta terceira prática teve como referência o livro "Grapefruit: O Livro de Instruções e Desenhos de Yoko Ono" e, com isto, foi possível acionar pequenas performances artísticas no interior do Espaço de Experimentações em Artes Visuais Fatima Garcia.

Ainda neste 3º encontro, faz-se necessário mencionar que durante o intervalo do curso, às 10h da manhã, o coletivo saiu de sala e no corredor do departamento de artes desenvolveu uma performance coletiva que consentiu na leitura de um discurso da artista chilena Hija de Perra. O discurso é de 2013 e com ele lançamos uma ponte para o 4º encontro.

4º Encontro: Performance e dissidências

Os encontros com performance surgiram da necessidade de dialogar com os conceitos e produções artistas que de muitas maneiras eram diferentes do que comumente ouvimos ou vemos quando tratamos de performance arte. Cada encontro buscou investigar e apresentar ao coletivo uma possibilidade de experienciar a performance arte. O quarto encontro aconteceu, porém este encontro frente ao terceiro, buscou trazer outros corpos e contextos políticos que não estão no mapa EUA-Europa.

A pesquisa para esta atividade partiu das provocações e conversas tidas com o Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais – UNIFAP/CNPq, nas quais passamos a buscar por artistas decoloniais. Neste processo de pesquisa o interesse foi em trazer para o curso outras perspectivas de pensar a performance arte e também dialogar com os conceitos que estão presentes na arte contemporânea.

Neste encontro utilizei material audiovisual que encontrei online nos canais do Youtube dos artistas escolhidos. O quarto encontro focou em trabalhos dissidentes e, a partir deles, dialogamos no segundo momento de apresentação do curso, no qual os alunos acabaram por trazer suas experiências e notas sobre o racismo, sexismo, elitismo, lgbtfobia e outras violências que naquela zona de criação encontraram vazão. Ao fim da roda de conversa dialogamos sobre os trabalhos apresentadas no início da atividade. Também nos percebemos denunciando violências e acionando performance arte.

Para o quarto encontro a prática artística produzida deu-se andamento a partir dos barramentos, das fissuras, do pixo, do risco, do erro, do não dito, do maldito... chegou ao que fora impregnado com carvão, argila e giz de cera em mais de um metro e meio de algodão cru tratado com cola branca e guache branca. Este trabalho foi pensado para ser uma zona de criação na qual os/as participantes pudessem experienciar de maneira que lhe fosse confortável. Não era apenas desenho ou frases sobre o tecido, eram movimentos de ideias e corpos ocupando aquele espaço.

5° Encontro: Festival de Performance

O minicurso “Encontro com Performance”, como proposta para a processualidade dos dados de pesquisa, constitui-se da seguinte forma: Investigar a prática artística envolvendo a foto-performance e vídeo-performance, nos primeiros dias, para a metade do curso, práticas dialógicas e pesquisa em torno de conceitos e obras dissidentes e, para o fim dos encontros, construímos um festival de performance que foi aberto para a participação do público.

O “Encontro com Performance” desde o início contou com a circulação de vários estudantes, que durante o mês de setembro variavam entre presenças e ausências nas apresentações na galeria ou em outros espaços da universidade. Com isto, percebi que estava sendo gestado um microcircuito, no qual havia um público e estudantes-artistas produzindo arte. O festival de performance aconteceu no dia 06/10/22, onde compareceram estudantes que vinham acompanhando o minicurso e um pequeno público para prestigiar os trabalhos.

Durante o Festival de Performance foram apresentados trabalhos presenciais e virtuais. O público presente, além dos participantes, contou também com alguns transeuntes do departamento de letras e artes (DEPLA-UNIFAP). O evento aconteceu no horário das 10h da manhã e finalizou às 12h com uma pequena roda de conversa na qual debatemos sobre os encontros e todo processo articulado até aquele dia.

Concluindo assim, um ciclo de cinco encontros com performance nos quais pudemos experienciar a performance, a arte, a política, a cultura e outros modos de vida.



Imagem 6: Registros dos encontros do minicurso. Acervo do autor. 2022.

Pistas sobre artes visuais e dissidências

A construção desta pesquisa acontece a partir de investigações e práticas artísticas desenvolvidas desde o ano de 2019, que começa na residência artística Tecnobarca e perpassa na finalização da Licenciatura em Artes Visuais - TCC.

Neste processo, percebemos que outros modos de experienciar a performance na sala de aula ou em outros espaços de ensino, são possíveis. Maneiras estas que dialogam com as práticas artísticas decolônias, estudando autores do sul global e apreendendo as especificidades desta região do mundo na qual pertencemos.

O objetivo nesta pesquisa é criar, a partir da linguagem da performance, práticas decolônias de ensino, levando em conta os coletivos humanos que habitam o território amazônico. Analisando os processos de violência sofridos desde o período colonial nesta região do Brasil e, que ainda hoje, se reverberam através da colonialidade, silenciando as narrativas e saberes tradicionais dos povos da mata.

Pretende-se ainda, com esta pesquisa, a descolonização de práticas artísticas e pedagógicas, onde a retomada de saberes e a polifonia de vozes que no correr destes

500 anos de Brasil, sofreram e ainda sofrem com o epistemicídio. Seria possível pensar uma arte/educação dissidente? Este trabalho é um “ritual de iniciação” para incitar os debates para uma possível Arte/Educação Dissidente, onde sejam respeitadas as mais diversas vozes subalternizadas, em tempos de genocídios e ataques dos mais variados tipos as populações dissidentes sexuais e de gênero, aos pretos e pretas, aos povos originários e a todos que se declaram contrários a continuidade de um programa de governo fascista, autoritário e patriarcal.

Caminhos ainda estão sendo percorridos, mas podemos concluir, a partir desta experiência, que é possível acionar modos outros de ensinar e aprender artes visuais. Existe interesse por partes dos estudantes de Licenciatura da UNIFAP em conhecer a história não contada nos livros didáticos, em compreender e apreender práticas artísticas que contam sobre suas ancestralidades e sobre a cultura da região amazônica. Podemos afirmar, as encanterias interessam aos nossos saberes.

Referências

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto alegre: Sulina, 2012.

FAVERO, Sofia. **Crianças trans: infâncias possíveis**. Salvador-BA: Devires, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RESTREPO, Eduardo. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010

Submissão: 23/10/2022

Aprovação: 07/11/2022